

# O “racismo à brasileira” no futebol: contextos, desafios e alternativas para mitigar esse preconceito

*The "racism to the Brazilian" in football: contexts, challenges and alternatives to mitigate this prejudice*

Edilson Medeiros de Oliveira\*  
Otávio Nogueira Balzano\*\*  
João Alberto Steffen Munsberg\*\*\*  
Gilberto Ferreira da Silva\*\*\*\*

## Resumo

Este artigo trata do racismo estrutural – o “racismo à brasileira” – no futebol, partindo do seguinte problema: quais as razões e como essa questão se desenvolve no futebol? Com este trabalho, objetivamos: a) analisar os efeitos – na visão de profissionais de Educação Física (EF) – de práticas e posturas que contribuem para o “racismo à brasileira” – racismo estrutural – no futebol; e b) propor alternativas e apresentar indicadores para uma proposta de ensino do futebol que contribuam para mitigar o “racismo à brasileira” no clube de futebol e no ensino do futebol em EF nas Instituições de Ensino Superior (IES). Quanto à metodologia, participaram da pesquisa dezessete profissionais de EF, utilizamos como instrumentos, a entrevista semiestruturada, o diário de campo, a análise documental, e a observação participante. Para análise dos dados e discussão dos resultados, utilizamos a análise crítica de discurso (ACD) de Van Dijk como uma metodologia na perspectiva decolonial. Constatamos que o racismo estrutural é uma herança colonial e está naturalizado na sociedade brasileira. Para a diminuição desse preconceito, concluímos que as instituições educacionais e os clubes de futebol podem, de forma colaborativa: a) divulgar e condenar publicamente os casos de discriminação; b) desenvolver ações informativas e educacionais que visem erradicar essas ações que tanto mancham nossa sociedade; c) enfatizar a formação humana, incluindo temáticas como formação de jogadores, preconceitos e dificuldades no futebol; e d) promover formação de sujeitos capazes de compreender, intervir e transformar a realidade.

**Palavras-chave:** Futebol. Racismo estrutural. Herança colonial. Decolonialidade.

---

\* Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Secretaria de Educação do Ceará, Brasil; E-mail: [edilsonmedeirosfla@hotmail.com](mailto:edilsonmedeirosfla@hotmail.com)

\*\* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI) Unilasalle, Brasil; E-mail: [otaviobalzano@yahoo.com.br](mailto:otaviobalzano@yahoo.com.br)

\*\*\* Doutor em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE); Líder do GPEI Unilasalle, Brasil; E-mail: [prof.jasm@gmail.com](mailto:prof.jasm@gmail.com)

\*\*\*\* Doutor em Educação pela UNILASALLE; Líder do GPEI Unilasalle, Brasil; E-mail: [gilberto.ferreira65@gmail.com](mailto:gilberto.ferreira65@gmail.com)

## Abstract

This article deals with structural racism – "racism to the Brazilian" – in football, starting from the following problem: what are the reasons and how this issue develops in football? With this work, we aim to: a) to analyze the effects – in the view of Physical Education (EF) professionals - of practices and postures that contribute to "brazilian racism" – structural racism – in football; and b) propose alternatives and present indicators for a proposal for soccer teaching that contribute to mitigate "racism to the Brazilian" in the football club and in the teaching of soccer in EF in Higher Education Institutions (HEIs). Regarding the methodology, seventeen professionals of de participated in the research, we used as instruments, semi-structured interviews, field diary, documentary analysis, and participant observation. For data analysis and discussion of results, we used Van Dijk's critical discourse analysis (ACD) as a methodology from a decolonial perspective. We found that structural racism is a colonial heritage and is naturalized in Brazilian society. To reduce this prejudice, we conclude that educational institutions and football clubs can collaboratively: a) publicly disclose and condemn cases of discrimination; b) develop informative and educational actions aimed at eradicating these actions that so tarnish our society; c) emphasize human training, including topics such as player training, prejudices and difficulties in football; and d) to promote the formation of subjects capable of understanding, intervening and transforming reality.

**Palavras-chave:** Football; structural racism; colonial heritage; decoloniality.

## Introdução

Esse trabalho é um recorte da tese de doutoramento intitulada “O ensino do futebol na perspectiva decolonial: desgastando a produção de sujeitos “pés de obra” – da formação na educação superior aos clubes esportivos” (BALZANO, 2020).

Teorizar sobre o racismo no futebol brasileiro não é uma tarefa fácil. Em uma cultura que se tem forte influência escravocrata, manifestada, dentre outros setores, através de uma mídia racista, em que muitas pessoas, inclusive pessoas negras, estão convencidas de que suas vidas não são experiências complexas e, portanto, não merecem reflexões. E, principalmente, quando quem está escrevendo não é e nem se considera de origem afrodescendente, pois não sente, literalmente na pele, as mazelas e os preconceitos racistas históricos e diários que sofre uma parcela significativa da sociedade brasileira.

Neste aspecto, reporta-se ao que Cusicanqui (2010) chama de “geopisteme”<sup>9</sup> quando a autora faz uma crítica aos intelectuais latino-americanos ao escreverem “pelos” indígenas latino-americanos, ou como Gayatri Spivak (1998) coloca em seu livro “Puede El subalterno hablar?”<sup>10</sup>, que intelectuais ocidentais acreditam que podem representar o povo subalterno e falar por eles. Neste sentido, não se tem a pretensão de escrever “pelos negros”, e sim de escrever “com”<sup>11</sup>, no futebol. Entende-se que se está numa posição que permite argumentar a respeito da temática, pois a vida destes falantes foi e é marcada pelo futebol, tanto no meio esportivo como acadêmico.

9 Ver CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. p. 53-76. Disponível em: <https://chixinakax.files.wordpress.com/2010/07/silvia-rivera-cusicanqui.pdf>.

10 Ver SPIVAK, G. S. “¿Puede el subalterno hablar?”, *Revista Colombiana de Antropología*, n. 39, n. especial de 2003, p. 257-364; también en español en *Orbis Tertium* (Argentina), año III, n. 6, 1998.

11 Utiliza-se a palavra “com”, pois não se pretende escrever “pelos” negros, até porque não se tem condições para isso. Escreve-se “com” para manifestar solidariedade e repúdio ao racismo no futebol, bem como gratidão por todos os conhecimentos que os “negros” ensinaram por meio do futebol.

Em um mundo globalizado, raízes do colonialismo – sistema típico da modernidade – ainda permanecem vivas na sociedade. Mesmo após o processo de descolonização de países ao redor do mundo, as marcas da colonização existem e ainda se reproduzem. E o esporte – notadamente o futebol –, um dos mecanismos da modernidade, também transmite e sustenta essas heranças coloniais. Apesar do futebol ser um esporte democrático em sua essência, sendo praticado por pessoas no mundo inteiro, traz à tona uma série de problemas. Em se tratando de Brasil, um dos maiores problemas é o racismo estrutural<sup>12</sup> sofrido por jogadores de futebol, profissionais de Educação Física (EF), imprensa, treinadores, alunos de EF, agravando-se em relação à população negra em geral.

Sobre esse problema, a identificação das razões e como essa questão se desenvolve, é fundamental entendermos como o futebol pode ser útil no processo de descolonização das heranças – o racismo estrutural – da modernidade. Nesse sentido, com este trabalho, objetivamos: a) analisar os efeitos – na visão de profissionais de EF – de práticas e posturas que contribuem para o “racismo à brasileira” – racismo estrutural – no futebol; e b) propor alternativas e apresentar indicadores para uma proposta de ensino do futebol que contribuam para mitigar o “racismo à brasileira” no clube de futebol e no ensino do futebol em EF nas Instituições de Ensino Superior (IES).

O texto está estruturado em três tópicos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro tópico, apresentamos as decisões metodológicas da pesquisa com ênfase na entrevista semiestruturada, o diário de campo, a análise documental, e a observação participante. No segundo tópico, demonstramos os resultados e analisamos, respaldados pela análise crítica de discurso (ACD) de Van Dijk (2013; 2018), na visão dos profissionais de EF, as práticas e posturas que contribuem para o racismo estrutural no futebol e no ensino do futebol nas IES-EF. Além disso, apresentamos alternativas propostas pelos profissionais de EF para mitigar esse preconceito. No terceiro tópico, apresentamos indicadores para minimizar o “racismo à brasileira” nos clubes de futebol e nos cursos das IES-EF.

## Decisões metodológicas

Ao optarmos por uma metodologia decolonial<sup>13</sup>, buscamos nos aproximar da realidade da América Latina, que requer outras visões de mundo capazes de lidar com as crises da modernidade, levando em consideração os conhecimentos e experiências das culturas locais. Nesse sentido, apoiamos-nos em conceitos de Fals Borda (1973, p. 9):

---

12 Racismo estrutural é a naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial, um processo que atinge tão duramente – e diariamente – a população negra.

13 Aderimos à opção decolonial porque acreditamos que ela seja epistêmica, isto é, ela se desvincula dos fundamentos genuínos de conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por um desvincular epistêmico não queremos dizer abandono do que já foi institucionalizado por todo o planeta. Pretendemos ressignificar o conhecimento da história imperial do ocidente dos últimos cinco séculos, em que pessoas, conhecimentos, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades e outros foram racializados/marginalizados. A opção decolonial significa – entre outros sentidos – aprender a desaprender, já que nossos cérebros tinham sido programados pela razão imperial/colonial.

[...] trabajar arduamente con nuestros materiales y realidades, tratando de articular nuestras respuestas con fórmulas, conceptos y marcos de referencia de aquí mismo [...] fortalecer la investigación autónoma e independiente de los hechos sociales, estimulando el pensamiento creador y la originalidad.

Fals Borda propõe um pensamento sobre a região, elaborado na própria região, preocupado em interpretar e dar soluções próprias e originais aos principais dilemas sociais e políticos da América Latina.

O estudo foi realizado em três IES que possuem cursos de EF, na Região Metropolitana de Porto Alegre, e em três clubes de futebol do Rio Grande do Sul. A escolha dessas instituições visou atender interesse deste pesquisador, considerando que, nesses locais, tivemos facilidade de acesso, face ao bom relacionamento profissional com os coordenadores das instituições. Neste sentido, nos reportamos ao escritor Umberto Eco (2006), no seu livro “Como se faz uma tese em ciências humanas”, quando descreve que uma tese deve ser viável, compatível com as possibilidades do pesquisador em relação a tempo, local, tema, problema, entre outros.

Para preservar a identidade das IES-EF, adotamos as seguintes designações: IES1, IES2 e IES3. Já as instituições esportivas, os Clubes de Futebol (CF), além de estarem localizados no Estado do Rio Grande do Sul, deveriam possuir: profissionais formados ou que estejam cursando EF; equipe sub-16/17 que participe de campeonatos na categoria; equipe principal que participe da série A do campeonato gaúcho de futebol; e comissão técnica específica para a categoria sub-16/17<sup>14</sup>. Para preservar o nome dos clubes de futebol, adotamos como identificação: CF1, CF2 e CF3.

Participaram da pesquisa dezessete profissionais de EF, assim distribuídos: três professores de EF de IES que ministram ou ministraram disciplinas de futebol; três coordenadores de EF que ministram ou ministraram a disciplina de futebol na IES; quatro treinadores da categoria sub-16-17 de CF; três preparadores físicos da categoria sub-16/17 de CF; dois coordenadores técnicos dos CF que trabalham com a categoria sub-16/17; e dois coordenadores gerais das categorias de base dos CF. Para preservar a identidade das instituições e dos profissionais de EF participantes da pesquisa, utilizamos letras e números para identificá-los. Letras para designar a função do jogador, seguidas do local de trabalho – IES ou CF. Utilizamos números para diferenciar as instituições.

A seguir, relacionamos instituições e profissionais: CoEF-IES1 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 1; PF-IES1 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 1; CoEF-IES2 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 2; PF-IES2 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 2; CoEF-IES3 – coordenador de Educação Física da Instituição de Ensino Superior 3; PF-IES3 – professor de futebol da Instituição de Ensino Superior 3; CGCB-CF1 – coordenador geral das categorias de base do clube de futebol 1; CoT-CF1 – coordenador técnico das categorias sub-16 e sub-17 do clube de futebol 1; TF17-CF1 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol

<sup>14</sup> Escolhemos profissionais de instituições esportivas que trabalham com a categoria sub-16/17, porque, a partir desta faixa etária, os treinos se tornam diários e têm uma maior cobrança do clube no âmbito da *performance* futebolística. Outra justificativa é porque no Brasil a Constituição Federal (1988) proíbe que menores de 14 anos trabalhem e, dos 14 aos 16 anos, somente como aprendizes. Portanto, qualquer projeto de prática do esporte promovido por clubes com participação de menores de 14 anos deve possuir caráter educacional, evitando a seletividade e a hiper competitividade, como disposto na Lei Pelé (BRASIL, 1998) e na Nova Lei Pelé (BRASIL, 2011), em seu artigo 3º inciso I.

1; PF17-CF1 – preparador físico da categoria sub-17 do clube de futebol 1; TF16-CF1 – treinador da categoria sub-16 do clube de futebol 1; PF16-CF1 – preparador físico da categoria sub-16 do clube de futebol 1; CoT-CF2 – coordenador técnico da categoria sub-17 do clube de futebol 2; TF17-CF2 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 2; CGCB-CF3 – coordenador geral das categorias de base do clube de futebol 3; TF17-CF3 – treinador da categoria sub-17 do clube de futebol 3; PF17-CF3 – preparador físico da categoria sub-17 do clube de futebol 3.

Nesta pesquisa, dividimos os participantes em dois conjuntos, a partir da orientação profissional/social/cultural, ou seja: participantes das Instituições de Ensino Superior em Educação Física – IES-EF – (Conjunto I) e participantes do clube de futebol (Conjunto II). Os participantes da pesquisa foram convidados a responder às seguintes perguntas: “Você entende que existem preconceitos – racismo – no futebol? Se sim, como?”. “Se existem preconceitos, como os profissionais de EF podem contribuir para a diminuição desses no futebol?”

Para a análise dos dados, utilizamos os seguintes instrumentos: entrevistas semiestruturadas; diário de campo; observação participante – a relação estudante/professor/técnico/preparador físico e as situações extras que apareceram no decorrer das observações; análise documental – as propostas das IES-EF e as ementas das disciplinas de futebol. Em relação aos clubes, consideramos as propostas para as categorias de base.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética de duas IES de EF, via plataforma Brasil. A primeira foi a IES3: CAAE – 19579019.2.0000.5307; Parecer n. 3.622.692: O pesquisador atendeu a todas as recomendações do Parecer n.º 3.568.544. A segunda foi IES1: CAAE – 19579019.2.3001.5308; Parecer n.º 3.751.358: O projeto foi aprovado conforme a Resolução n.º 466/12 do CNS.

## Resultados e análise dos dados

Em vista da dificuldade de uma metodologia decolonial, e observando, na literatura, propostas híbridas<sup>15</sup> para pesquisas nessa perspectiva, identificamos na ACD (Análise Crítica de Discurso) sócio cognitiva<sup>16</sup> de Teun A. Van Dijk uma proposta de análise de dados alinhada com nossa pesquisa. Assim, nos propomos a analisar criticamente como é tratado o preconceito racismo no futebol, na universidade e no clube, através de uma análise social, cultural e política dos professores/pesquisadores. Segundo Van Dijk, Medeiros e Andrade (2013), a ACD não fornece um método pronto para o estudo dos problemas sociais, mas enfatiza que, para cada problema social, é necessário fazer escolhas e selecionar as estruturas mais relevantes a serem analisadas no estudo de um problema social.

O racismo no futebol foi um dos preconceitos mais destacados nos discursos do Conjunto I, em que os participantes enfatizaram o pequeno espaço dos negros nos cargos de poder no futebol. “No futebol, têm muitos preconceitos, como racismo” (PF-IES2). [...] “Um dos maiores preconceitos no futebol é com profissionais negros, principalmente os técnicos e a

<sup>15</sup> Ver Carvalho Filho *et al.* (2015).

<sup>16</sup> A pesquisa em ACD está, frequentemente, interessada em estudar discursos ideologicamente enviesados, bem como as formas pelas quais tais discursos polarizam as suas representações do “nós” (endogrupo) e do “eles” (exogrupo). Em ambos os níveis de análise do significado – o local e o global –, frequentemente podemos verificar uma estratégia geral de “representação-positiva-de-si” e de “representação-negativa-do-outro”, em que as “nossas coisas boas” e as “coisas ruins dos outros” são enfatizadas, e as “nossas coisas ruins” e as “coisas boas dos outros” são minimizadas. (VAN DIJK; MEDEIROS; ANDRADE, 2013).

“retaguarda”, preparador, treinador de goleiro, dirigentes” (CoEF-IES1). [...] “Nos programas de TV de futebol, para ser apresentador tem que ser branco, homem e bonito” (CoEF-IES1). [...] “Numa reportagem, apareceu que dos 20 clubes da série A do futebol brasileiro apenas dois técnicos são negros, o problema não é a quantidade. A questão são o número de oportunidades, se tu ofereceres oportunidade para todos desde a escola. Se ofereceres oportunidade de formação pessoal para todos, isso não vai mais acontecer” (CoEF-IES3).

Acreditamos que o preconceito de cor seja uma das heranças mais fortes da lógica modernidade/colonialidade. Segundo Quijano (2007), a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados com base na ideia de raça, ou seja, uma suposta distinção na estrutura biológica, passou a situar uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Para o autor, essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento característico das relações de dominação. Foi, a partir do século XVI, que surgiram os discursos que hierarquizavam as raças e possibilitaram criar adjetivos que indicavam a suposta inferioridade dos negros de forma idiossincrática e homogeneizante. Conforme Munanga (1988), o negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de mentalidade pré-lógica. No máximo, foram reconhecidos nele os dons artísticos ligados à sua sensibilidade de animal superior. Relacionamos a descrição de Munanga com o discurso do Conjunto I: “O maior preconceito é com os negros, mas isso é contraditório, pois o maior jogador do mundo é negro” (CoEF-IES1). Nessa linha, para Rosenfeld (1993), entre os estereótipos “positivos”, os negros seriam talentosos para a música, para a dança, para o esporte, ou qualquer outra atividade que a emoção sobrepujasse a razão. Ainda na mesma direção, segundo Giulianotti (2002), os atletas de futebol negros, quando selecionados nas equipes/escolas, têm menos chances de compartilhar das brincadeiras e da camaradagem dos colegas de equipe brancos. Para o autor, os estereótipos raciais sobre as habilidades atléticas e a baixa inteligência dos negros continuam durante a seleção do time.

O “futebol moderno”, como parte do processo modernidade/colonialidade (PIZARRO, 2014), sendo uma das estruturas sociais modernas, também carrega o preconceito do racismo em suas entranhas. Mesmo considerando que o racismo que está enraizado no Brasil é uma herança do colonialismo e uma das formas de domínio social, cultural e econômico das elites brancas, o racismo não é inato, mas aprendido (VAN DIJK, 2018). Além da família, dos amigos, da escola, o futebol também é um dos locais que aprendemos a ser racistas. Como exemplo, Giulianotti (2002) considera que os casos de discriminação acontecem desde o processo de seleção dos atletas para a formação das equipes. Conforme o autor, para atletas não-brancos, a experiência do racismo começa na escola. Os professores esperam um nível acadêmico relativamente limitado dos estudantes negros, tacitamente conscientes de que suas oportunidades de trabalho são pequenas. O currículo é modificado para maximizar sua habilidade esportiva natural. Conforme Vieira (2001), outra forma de segregação racial está no tratamento entre, torcedores, jogadores, dirigentes e treinadores, adjetivos como macaco, crioulo, gorila, nego, são comuns no futebol. Para o autor, muitos nem consideram os apelidos discriminatórios. Ou seja, o racismo, às vezes, é tão estrutural, que não é identificado nem pelas próprias vítimas. Neste sentido, algumas observações no Conjunto I realizadas na pesquisa demonstraram essa realidade.

Durante a observação realizada na IES3, dia 16/11/2019, verificamos que, na sala de aula, existe um cartaz sobre o racismo colado no quadro, porém, o professor disse que não

trabalha essa temática nas suas aulas de futebol. Na aula prática observada na IES1, dia 21/11/2019, o preconceito foi percebido no vocabulário utilizado pelo professor com os estudantes. Ele utiliza uma linguagem típica mundo do futebol. Exemplos: “Te liga, nego!”; “Não perde tempo, meu galo.”; “Não complica a vida.”; “Faz a bola andar, nego!”; “Perna de subir no ônibus.”; “Te apresenta, nego!” O professor chamava de “nego” tanto estudantes brancos como negros. Já em outra observação do dia 21/11/2019, também na IES1, um aluno começou a brincar com a bola e o professor chamou sua atenção: “Larga a bola aí, negão!”, pois estás prejudicando o outro grupo. Os estudantes levavam os materiais para o local da aula prática e depois os recolhiam e levavam de volta para a sede da instituição. O professor disse: “O negão, leva o material pra mim.” Ao organizar um churrasco com os estudantes da disciplina, falou: “O negão, não esquece de comprar o carvão”. O curioso foi que, para todos os estudantes que ele se dirigiu dessa forma, nenhum era negro (DIÁRIO DE CAMPO).

Essa forma de falar e não entender como preconceito, parecendo ser uma forma de expressão sem maldade, para Damo (2002), é o “racismo à brasileira” ou racismo sutil que está impregnado na sociedade. Na mesma direção, para Pereira e White (2001) essas atitudes correspondem aos “Abeces”<sup>17</sup> em relação aos negros – tradição popular –, que a sociedade fala, muitas vezes sem maldade, mas que indicam uma visão de mundo que sustenta a supremacia do grupo dominante de brancos com apoio da Igreja e do Estado, sobre os negros. Para os autores, os Abeces não são chistes inocentes – eles criam significados psicológicos e sociológicos com intuito de desqualificar o outro e criar um discurso de dominação. Segundo Van Dijk (2018), esse discurso de poder da elite branca é aprendido nas conversações, nos livros, nas histórias diárias, no cinema, no jornal, nos programas de TV e, para nós, também no futebol. Como exemplo de racismo no futebol, pouco comentado pela sociedade do futebol, é a constatação de Vieira (2001): a rara presença de goleiros e técnicos negros na seleção brasileira. Colaborando com a pesquisa, Imbiriba (2003) destaca que, quanto aos técnicos, cuja cor da pele denuncia, no mínimo, ancestrais trabalhadores, apenas dois foram admitidos no comando da seleção: Gentil Cardoso, em 1957, e Wanderley Luxemburgo, que não se considera negro ou pardo. Também é importante lembrar que poucos árbitros de origem negra apitam na primeira divisão do futebol brasileiro. Outro caso, pouco relatado pela imprensa brasileira, refere-se à falta de dirigentes negros, no comando das equipes de ponta do futebol brasileiro. Mais um exemplo de racismo com jogadores negros no futebol é apontado por Giulianotti (2002): os técnicos de futebol e a mídia tendem a concluir que os jogadores negros possuem qualidades erráticas – habilidade natural –, enquanto que os jogadores brancos têm habilidades mais controladas. Como exemplo, os jogadores africanos e sul-americanos são vistos no Ocidente, como “mágicos e irracionais”. Os clubes europeus contratam esse tipo de jogador para trazer algo de “imprevisível” para sua equipe, um toque de exotismo para quebrar as defesas organizadas cientificamente pelos ocidentais. Esse modelo de racismo exposto por Giulianotti é um exemplo de “racismo às avessas”, conforme Soares (1998).

Entendemos que o combate ao racismo deve ser prática comum nas aulas de futebol nos cursos de EF. Acreditamos que a modalidade deve ser utilizada como tema gerador, proporcionando a possibilidade para a reflexão e que novas atitudes/ações, sejam tomadas sobre os preconceitos que circundam no futebol. Outra questão relevante, para tratarmos nas

---

17 “Abeces” – “A coisa da preta”, “Negro de luva, só mecânico”, “Tinha que ser negro”, “É coisa de negro”, “Esse é negro branco”, entre muitos outros.

disciplinas de futebol, é a importância da contribuição do afrodescendente nesse esporte. A população ainda desconhece a cultura e a história negra, pois ela está ausente na prática pedagógica escolar, principalmente na EF. Mas, a contribuição importantíssima do afrodescendente na construção do Brasil foi reconhecida e deu origem a uma lei federal na área da Educação, nº. 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que dispõe em seu Art. 26-A§ 2º: “Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.” (BRASIL, 2005). Além disso, enfatizamos que é obrigação do professor de EF destacar a contribuição afrodescendente, valorizando e divulgando os processos históricos da resistência negra, desencadeada pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, principalmente em relação ao futebol. O resgate da autoestima do afrodescendente passa pelo professor de EF, que poderá mostrar, através do futebol, que ele possui valores culturais tão fundamentais, tão ricos, quanto os de quaisquer outras culturas, e, desta forma, estará combatendo e denunciando o racismo sutil institucionalizado na sociedade.

Entendemos também que o estudante-atleta precisa conhecer, respeitar e valorizar a digna história do afrodescendente/classes populares para com o futebol brasileiro. Desta forma, estará consciente de quanto o afrodescendente foi e é importante na cultura esportiva desse país, não aceitando e repudiando atitudes racistas cometidas nesse esporte. Acreditamos assim, que, ao tomar atitudes, nesse sentido, contribuirá para diminuir o conceito de sujeitos “pés de obra” verbalizado pela sociedade do futebol, e estará contribuindo para um “outro” olhar a respeito dessa classe.

Um aspecto relevante nos discursos do Conjunto II, a respeito do racismo, refere-se à visão quase imperceptível dos participantes em relação a esse preconceito no futebol, que denominamos de racismo estrutural, uma ação mais branda e muitas vezes não o enxergamos. Essa forma de racismo tende a ser ainda mais perigosa por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas enraizadas em nossos costumes que, direta ou indiretamente, promovem a segregação e/ou o preconceito racial. Sobre o tema, as falas do Conjunto II foram as seguintes: “Eu não vejo racismo aqui, mas lá fora com as torcidas tem muito” (CGCB-CF1). [...] “O preconceito racial me chama muito atenção, embora ele já esteja intrínseco no futebol, isto é, eu entendo que as pessoas não fazem para agredir, já é natural tu estereotipar as pessoas pela cor, raça, região” (CGCB-CF3). [...] “Aqui é uma cidade alemã, mas eu nunca vi preconceito na prática, mas eu sei que tem em outros lugares” (CT-CF2). [...] “Ainda tem um pouco a questão do racismo, mas aqui é muito pouco, eu acho que as pessoas estão conseguindo lidar melhor e respeitando o espaço do outro” (TF17-CF1). [...] “A nível de racismo no futebol acredito que seja mais de cunho individual, ou briga entre torcidas” (TF16-CF1). [...] “A gente sempre diz que o futebol tem uma ética própria em relação a questão do preconceito” (PF16-CF1). [...] “Eu noto que muitos meninos negros não se reconhecem negros, e que muitos meninos morenos se reconhecem brancos, existe um auto preconceito” (PF16-CF1). [...] “Tive muitos treinadores chamavam todo mundo de “negão”, era natural para eles, mas, quando tu usas uma palavra desse porte, ela pode não ter a mesma conotação para todo mundo” (PF17-CF1).

Observamos, nesses discursos, que os participantes sabem que existe o racismo, mas para eles este é uma coisa individual e entre as torcidas é uma manifestação que faz parte do futebol, considerada natural no relacionamento entre eles. Esses discursos são exemplos do



racismo estrutural que assola a sociedade brasileira. O racismo é histórico no dia a dia dos brasileiros, levando muitas pessoas a não enxergar ou não entender que suas ações são de cunho racista. Fazendo uma análise dos discursos com o viés do preconceito, muitos dos participantes não se deram conta da discriminação racial sutilmente oculta em suas falas e que, infelizmente, é banalizada e considerada como uma “brincadeira”.

Constatamos, nos discursos anteriores, que mais uma vez, ao não abordar ou ter uma “outra” postura a respeito dessas situações de racismo – que parecem ser irrelevantes no “mundo do futebol” – estamos contribuindo para a produção de sujeitos “pés de obra”. Ao não conscientizarmos os profissionais do futebol e os jovens atletas de que essas ações não são “brincadeiras”, colaboramos para que no futuro esses atletas não se manifestem e nem repudiem os casos de racismo, tão frequentes no futebol. Desta forma, continuamos formando jogadores/pessoas funcionais, sem poder de reflexão e criticidade, desconhecedores do valor, do exemplo e da influência que possuem e representam para a sociedade. Entendemos que seja incumbência de uma formação “outra” revelar os processos de dominação, de opressão que ainda existem – denunciar a colonialidade e formar para a leitura do mundo (FREIRE, 1977). Continuar com o mesmo modelo de formação no futebol é continuar tornando os jovens atletas sujeitos “pés de obra”, é seguir impondo-lhes a visão fragmentada da realidade.

Sustentamos que a pior forma de racismo é a velada, pois as pessoas têm atitudes racistas sem considerar como tal. Neste aspecto, Eiras (2019) considera que o racismo está localizado nas mídias, revistas ou livros, espaços em que vamos encontrar representações que reforçam a imagem da negritude de forma inferior em relação à população branca. O caso mais recente de racismo estrutural ocorreu no dia 12/5/19, com o goleiro Sidão, que teve uma fraca atuação e levou três gols em uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Com isso, o atleta foi eleito como o “Craque do Jogo”, prêmio concedido pela Rede Globo, por uma votação em massa feita por internautas com o claro intuito de ridicularizar sua atuação na partida.

Esse modelo de racismo, existente no Brasil, desenvolveu-se particularmente pelo mito da democracia racial<sup>18</sup>. Segundo Amaro (2015), esse pensamento sociológico tendeu a minimizar, ou mesmo a rejeitar, a forte discriminação racial no *status* socioeconômico dos indivíduos no Brasil, cristalizando a ideia de que o preconceito racial era uma herança cultural do passado escravocrata. Desta forma, diante da ausência de hostilidade racial contra os negros, tornou-se recorrente acreditar e difundir que no Brasil não há desigualdade racial, e sim que os negros são pobres porque são acomodados e preguiçosos. Esse discurso da elite, criando mitos e estereótipos, instaurou-se na consciência da opinião pública e passou a justificar as injustiças sociais. O mito da democracia racial esconde o racismo e reforça a exclusão dos negros na sociedade. Segundo Santos (1999 *apud* Amaro, 2015), a democracia racial, além de obscurecer a verdade sobre as relações étnicas e raciais, também cria falsas consciências e aliena o indivíduo negro, naturalizando o racismo. Para a autora, um dos efeitos mais sinistros dessa ideologia é a pouca ou a nenhuma percepção do racismo pelas suas vítimas. As constantes repetições dos estereótipos de inferioridade vão sendo, gradualmente internalizados, o que resulta em desagregação individual e desmobilização coletiva. Como exemplo dos discursos dos participantes e da influência do mito da democracia racial, ainda muito presente na

---

<sup>18</sup> A origem mais forte e sociologicamente descrita do mito da democracia racial aqui no Brasil advém dos escritos do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, em seu livro “Casa-Grande & Senzala”, escrito em Portugal e publicado no ano de 1933. Essa obra foi precursora da noção de democracia racial no Brasil, com relações harmônicas interétnicas que mitigariam a influência social do passado da escravidão no Brasil, que, segundo Freyre, fora menos segregadora do que a norte-americana. (SOARES, 1998).

sociedade brasileira, verificamos nas observações da nossa pesquisa, muitas incidências de racismo estrutural ou velado.

Nesse sentido, na observação realizada no CF2, dia 30/10/2019, constatamos que o professor grita muito com os estudantes/atletas durante o treino. Para um pai que estava assistindo ao treino, isso é necessário: “Nessa idade tem que gritar, senão os guris tomam conta.” O treinador chama alguns meninos por apelidos: “O Negão!”, “O Alemão!”, “O Negão, joga sério!” Os colegas e as mães também o chamam pelo apelido de Negão: “Toma Negão, essa bolada!”, “O Negão, vai para o time do meu filho!”, “O Negão merece jogar no time, ele é o que mais se esforça.” A situação se repete na observação no CF1, dia 27/11/2019. Os atletas falam muitos palavrões entre eles durante o treino ao se cobrarem. Chamam um colega de Neguinho, outro de Negão, outro de Ceará, outro de Alemão, e outro de Café. O técnico e o preparador físico também chamam os atletas por apelidos: Neguinho, Negão, Café, Alemão e Ceará. Em nova observação no CF2, dia 05/12/2019, a linguagem é a mesma, carregada de estereótipos: “O pai!”, “Se mexe aí no meio, pai!”, “O Negão!”. Quando ocorreu uma jogada violenta entre os atletas, um pai comentou: “Na próxima, senta a mão nos cornos dele. Se fosse comigo eu dava no meio.” “Futebol é assim. Eu já falei para ele que é muito bobinho para jogar bola. Futebol tem que ser malandro, tem que usar o corpo com força.” (DIÁRIO DE CAMPO).

Constatamos, nessas observações, que o preconceito racial, de tão assimilado que está na sociedade, pode até passar despercebido. Em muitos casos, o locutor nem sempre tem claro o que está falando, tampouco que está reproduzindo rótulos racistas, pois age por mera repetição de um discurso que ouve há décadas, cristalizado em sua memória. Se grande parte da população pratica esse racismo estrutural, por negar ou desconhecer o contexto de discriminação étnica ao qual os negros foram e são submetidos, essa visão deve-se, em grande parte, à ideia errônea, veiculada nacionalmente, de que o Brasil é o país da miscigenação e da democracia racial, onde a escravidão foi mais branda que em outros países, onde os negros foram integrados à sociedade, convivendo harmoniosamente com os seus antigos algozes.

Apresentamos, a seguir, alternativas, na perspectiva dos profissionais de EF, para minimizar os preconceitos – no caso específico, o racismo no futebol – ainda marcantes em decorrência da colonialidade:

- Nós trazemos para dar palestras aqui na instituição muitas pessoas da área do futebol. Tivemos uma palestra sobre racismo no futebol com o árbitro Márcio Chagas. (CoPF/IES3).

- Aproveitamos situações de preconceito que ocorrem no futebol, e trazemos para debates na aula, principalmente sobre o racismo. Em uma das aulas, levei um artigo sobre racismo e fizemos um debate e depois um trabalho sobre o assunto do artigo. (PF/IES3).

- Nós vamos levar alguns meninos para uma palestra sobre racismo no futebol na PUC. (CG/CI).

- Nós mostramos aqui no clube para nossos atletas, que tivemos vários jogadores negros que se destacaram e levaram o nome do clube para história. (PF2/C1).

- No dia a dia de maneira informal, a gente traz esse tema, falamos de exemplos de atletas negros e brancos que estão em destaque, para não fomentar mais essas diferenças. (PF2/C1).

- Pretendo futuramente trabalhar com a temática de gênero e raça nas minhas aulas de futebol, trazendo pessoas para falar sobre esses assuntos com os estudantes, pessoas

capacitadas que pesquise sobre esses temas e pessoas do meio do futebol, como o treinador Roger Machado. (PF/IES2).

- A gente tenta trazer muito para eles, situações que aparecem na TV, a respeito de racismo, que atleta não estuda e é chamado de burro, de atletas que se aposentaram e não souberam administrar o dinheiro, tudo isso a gente traz e mostra para os atletas o que é certo e o que é errado. (T1/C1).

Sabemos que ainda existe um longo caminho a trilhar para que os casos de preconceito e discriminação deixem de existir. Afinal, eles são reflexos de uma sociedade preconceituosa e racista. Sustentamos que tantos os clubes quanto as instituições de ensino devam divulgar e condenar publicamente os casos de discriminação, bem como desenvolver ações informativas e educacionais que visem erradicar essas ações que tanto mancham nossa sociedade.

## **Indicadores para mitigar o “racismo à brasileira” no futebol em instituições de ensino e clubes esportivos**

Em relação aos indicadores para que o futebol possa ser um mecanismo decolonial para mitigar os preconceitos – racismo – no futebol, ainda marcantes em decorrência da colonialidade, entendemos que uma proposta de ensino do futebol nessa perspectiva deveria começar pela “desconstrução do conceito de ‘racismo às avessas’” (SOARES, 1998), utilizado pelo autor, para evidenciar como mais um dos mecanismos de subjugação protagonizados pela elite branca.

O “racismo às avessas” consiste nas representações positivas, atribuídas aos afro-brasileiros no espaço do futebol, que contribuem para a afirmação e a manutenção de hierarquias sociais. O elogio ao negro, no período posterior à abolição da escravatura, está cheio de ambiguidades. Sua integração no espaço do futebol – e em outras esferas da sociedade (samba, capoeira, exército) – teria como efeito perverso a delimitação dos seus lugares de atuação e, também, a forma como os negros foram integrados à sociedade brasileira. Nesses espaços sociais, os desempenhos dos afro-brasileiros seriam louváveis e contribuiriam para a manutenção de hierarquias (ABRAHÃO, 2006). Os afrodescendentes seriam diferenciados por valores positivos, mas, ainda assim, diferenciados. As representações dos afrodescendentes aproximam-se da identidade do futebol brasileiro e da crença na existência de potencialidades que se materializariam pelo extraordinário desempenho das atividades que requerem apenas o uso do corpo<sup>19</sup>.

Conforme Brasil (2003), há algo mais no jogador afro-brasileiro/classes populares do que a sua formação cultural no samba e na capoeira levada para dentro do campo, numa partida. O autor destaca o “conjunto de inteligências” que vemos em ação num jogo de futebol – o que não quer dizer que jogadores de futebol usem a cabeça apenas para cabecear, pelo contrário –, a rapidez de raciocínio distingue os craques. Ainda para o autor, quando falamos que o povo brasileiro recriou o futebol com o seu conjunto de inteligências vivenciadas na sua formação étnico-cultural, essas estão demonstradas na manifestação de tudo ao mesmo tempo: mestiçagem, capoeira, samba, malandragem, barroquismo, inteligência para o jogo, entre

---

<sup>19</sup> Ver Balzano; Munsberg; Silva (2020).

outros. Em outras palavras, as expressões culturais identificadas com a cultura afrodescendente foram traduzidas e transformadas em técnicas no campo de futebol e na vida. Conforme Brasil (2003), esses fatores geram um atleta técnico, inteligente e habilidoso. Capaz de encontrar soluções para as tarefas/problemas inerentes ao jogo com rapidez, precisão e economia de energia.

Em efeito, na intenção da desconstrução do conceito e da prática do “racismo às avessas”, relacionamos o futebol recriado pelo povo brasileiro (BRASIL, 2003) com a habilidade da ginga dos capoeiras (RUFINO, 2015), onde também encontramos saídas para as arapucas que obstruem nossas liberdades. Neste sentido, Rufino (2015, p. 79) traz o conceito de “rolê epistemológico” para exemplificar os espaços que devemos buscar para “jogar” no cotidiano colonial.

A noção de *rolê epistemológico* inspira-se nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvio e avanço. Imprime, nesse sentido, a lógica do jogo. Os rolês caçam tempos/espaços para a prática das virações, esquiva-se, rola-se de um lado para o outro, finge que vai, mas não vai e aí se dá o bote, certo, eis que o *cruzo* então acontece. O *rolê* é ao mesmo tempo o movimento de desvio, de fuga, de ganho de espaço e de montagem de estratégias para a operação de golpes. A lógica do jogo não presume a aniquilação do outro com que se joga, mas permite a sedução, o destronamento, o drible e o golpe. *Se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado!* Assim, o conceito encarna as manhas do jogo de corpo para praticar no campo dos conhecimentos outras virações que potencializem a prática das frestas.

Nesse sentido, o que responderá acerca da nossa capacidade de invenção no confronto com a dominação do poder/ser/saber são as nossas invocações, incorporações e *performances* orientadas por um outro senso ético/estético. Acreditamos que assim como a capoeira, o futebol também possa se transformar em uma ação decolonial.

Ainda nessa perspectiva, sendo o futebol um contexto complexo, é necessário que o jogador seja capaz de solucionar problemas. Mas é, na formulação de uma organização não austera e nos planos de resolução dos problemas estabelecidos pelos treinadores que reside a magnitude da criatividade. Conforme López e Navarro (2008 *apud* Casarín, 2011), a criatividade deve ser entendida pela complexidade, por meio da interação individual e coletiva com o ambiente específico. Esta tendência enaltece a importância da capacidade de interagir, inovar, resolver problemas, assumir riscos, em contextos marcados por mudanças constantes de ações que requerem divergência e modificações de pensamento. Para o jornalista, e escritor Rodrigues Filho (2003) foi o jogador afro-brasileiro – aqui caracterizando os jogadores de classes populares – que imprimiu um estilo próprio de magia e arte no futebol, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, de sua descendência inglesa.

Futebol é um jogo de cognição e não só de execução. Não podemos cair na ilusão do “basta saber fazer” para termos sucesso nos diversos e distintos confrontos que ocorrem durante os 90 minutos e na vida. Precisamos pensar sobre o que se estamos fazendo mesmo quando não há tempo para pensar. É necessário captarmos e selecionarmos as informações relevantes de forma rápida; é preciso conscientizarmo-nos e decidirmos rapidamente para que os mecanismos de tomada de decisão e execução sejam também rápidos, eficazes e eficientes.

Foi também essa inteligência que os atletas afrodescendentes trouxeram para a prática do jogo. Como não valorizar? A desvalorização pode ter vindo porque “muitos” não sabem fazer igual.

É preciso que a sociedade – todas as raças – dê importância a esse conhecimento, isto é, “potencialize e dê confiabilidade as classes populares”, pois foi através da criatividade destas classes que o futebol virou uma paixão nacional e admirada no mundo. Neste sentido, representará sempre uma possibilidade de superação para aqueles que, na prática esportiva, ascendem e transcendem graças ao talento e às qualidades ímpares de um grande jogador.

Entendemos que, nas aulas EF, tanto na escola como na universidade, também possamos “desgastar” o pensamento hegemônico universal e a violência epistêmica. É nas aulas de EF que ações podem ser realizadas para o desvelamento e combate ao “racismo às avessas” que persiste na sociedade do futebol. Mas, para que esse processo seja efetivo, depende da atuação ativa do profissional de EF com seu público alvo, os estudantes. O profissional, nas suas aulas, deve considerar a formação do estudante enquanto indivíduo, conhecedor de seus direitos e deveres, dentro e fora do campo de jogo. Acreditamos que o professor de EF possa, em suas aulas, produzir uma alternativa “outra”, construindo uma posição de combate ao “racismo às avessas” no futebol, alicerçado pelo “pensamento decolonial”, isto é, valorizando o conhecimento do afrodescendente no futebol como uma episteme importante para a cultura. Entendemos que o professor deva valorizar os conhecimentos científico e popular de forma análoga, mostrando que a produção de ambos não está relacionada à cor, pois Machado de Assis e Pelé são negros, Zico e Carlos Drummond de Andrade são brancos. Consideramos que o professor, ao não tratar desta forma, continuará mantendo as relações de diferença praticadas pela colonialidade – negros com habilidades motoras e brancos com habilidades intelectuais –, sendo essa um “conhecimento maior” que os diferencia.

## Considerações finais

Sabemos que ainda existe um longo caminho a trilhar para que os casos de preconceito e discriminação deixem de existir. Afinal, eles são reflexos de uma sociedade preconceituosa, mormente machista e racista. Sustentamos que tanto os clubes quanto as instituições de ensino devam divulgar e condenar publicamente os casos de discriminação, bem como desenvolver ações informativas e educacionais que visem erradicar essas ações que tanto mancham nossa sociedade.

Nesse sentido, é importante ressaltar a contribuição cultural e social do futebol na formação da sociedade brasileira, em especial, valorizando a participação das camadas populares e da mulher no desenvolvimento desse esporte. Assim, além da escola, as instituições de educação superior – em específico o curso de EF –, podem: valorizar e ampliar a carga horária da disciplina de futebol no seu currículo; selecionar profissionais capacitados nesse desporto; proporcionar infraestrutura adequada à sua prática; e, além da formação técnica, enfatizar a formação humana, incluindo temáticas como formação de jogadores, preconceitos e dificuldades no futebol. Acreditamos que a universidade e a escola necessitam se aproximar dos clubes, visando ao compartilhamento do conhecimento, em uma “via de mão dupla”.

Nos clubes, em articulação e de forma colaborativa com as instituições de ensino, acreditamos em um modelo de trabalho paralelo de formação esportiva e pessoal/humana de atletas da base. Nessa direção, propomos que os clubes de futebol contratem profissionais

especializados, principalmente na área de EF, para aprimorar a formação dos atletas nos clubes e na escola. Profissionais que trabalhem questões de cidadania – além da *performance* de campo –, um trabalho direcionado para formação integral dos jovens (durante e pós etapa futebolística), estimulando o aprendizado de outra língua, abordando questões sobre preconceito no futebol, de economia doméstica, de investimentos, de uma postura adequada perante as mídias e de valorização da imagem junto ao público, indicando livros e filmes – re-ensinar a ler, ver e interpretar – que contribuam para a formação social, cultural e política dos atletas.

Em síntese, constatamos que o racismo é uma herança colonial e está naturalizado na sociedade brasileira. E, para mitigar as práticas desse preconceito, concluímos que as instituições educacionais e os clubes de futebol podem, de forma colaborativa: a) divulgar e condenar publicamente os casos de discriminação; b) desenvolver ações informativas e educativas que visem diminuir esses atos, ressaltando a contribuição cultural e social do futebol na formação da sociedade brasileira e valorizando a participação das camadas populares e da mulher no desenvolvimento desse esporte; c) enfatizar a formação humana, incluindo temáticas como formação de jogadores, preconceitos e dificuldades no futebol; e d) promover formação de sujeitos capazes de compreender, intervir e transformar a realidade.

Acreditamos em um modelo epistêmico “outro” de ensino de futebol, na universidade e no clube; um modelo que forme futuros profissionais de EF e estudantes-atletas dentro e fora das quatro linhas do campo de jogo, criando condições para que possam, de forma crítica, experimentar modos “outros” de exercitar e aprender, em um ato existencial que valorize no todo a existência humana, o “sentipensar”<sup>20</sup>. Dito de outro modo, propomos uma formação de sujeitos capazes de compreender, intervir e transformar a realidade em busca de vida boa, digna e justa para todos.

## Referências

ABRAHÃO, B. O. L. **Uma leitura do “racismo à brasileira” a partir do futebol**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGEF, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

AMARO, S. **Racismo, igualdade racial e políticas de ações afirmativas no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

BALZANO, O. N. **O ensino do futebol na perspectiva decolonial: desgastando a produção de sujeitos “pés de obra” – da formação na educação superior aos clubes de futebol**. Orientador: Gilberto Ferreira da Silva. 2020. 400 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade La Salle, Canoas/RS, 2020.

BALZANO, O. N.; MUNSBURG, J. A. S.; SILVA, G. F. da. El pensamiento decolonial como una alternativa al “racismo inverso” en el fútbol. **Praxis & Saber**, v. 11, n. 27, set. 2020.

---

<sup>20</sup> Sentipensar indica o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento. É a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergirem em um mesmo ato de conhecimento o sentir, o pensar e o agir. (MORAES; TORRE, 2004).

Disponível em: <https://doi.org/10.19053/22160159.v11.n27.2020.10376>. Acesso em: 6 out. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Lei 9.615, de 24 de março de 1998. **Lei Pelé**. Brasília, 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9615consol.htm). Acesso em: 2 mar. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretária Especial da Cultura – Artigos. **Futebol: barroco-mestiço**, por Antônio Risério. 2003. Disponível em: <http://cultura.gov.br/273760-revision-v1/>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

BRASIL. Lei nº 12.395, de 16 de março 2011. Altera as Leis nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e nº 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 mar. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/WskLZV>. Acesso em: 24 maio 2019.

CARVALHO FILHO, V.; FERNANDES, F. K.; MAGALHÃES, A. W. C.; IPIRANGA, A. S. R. Engajando Administração aos Estudos Decoloniais: um panorama atual e os principais desafios para a área. In: SEMEAD, 18, 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, Brasil: FEA-USP, 2015. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/18semead/resultado/trabalhosPDF/951.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019.

CASARÍN, R. V. Criatividade: uma dimensão imperativa para um futebol de qualidade. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, Año 16, n. 157, s. p., jun. 2011. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd157/criatividade-para-um-futebol-de-qualidade.htm>. Acesso em: 8 jul. 2020.

CUSICANQUI, S. R. Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. Disponível em: <https://chixinakax.files.wordpress.com/2010/07/silvia-rivera-cusicanqui.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2019.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ECO, U. Como se faz uma tese em ciências humanas. 20. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

EIRAS, R. R. W. Raça, futebol e a contracultura da modernidade no Brasil: o enaltecimento da humildade como marcador racial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 19, 2019, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/site/anais2?AREA=41>. Acesso em: 14 maio 2020.

FALS BORDA, O. **Ciencia propia y colonialismo intelectual**. México: Nuestro Tiempo, 1973.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

IMBIRIBA, L. O futebol e a atualidade do racismo. **Revista A Nova Democracia**. Ano II, n. 12, agosto de 2003. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-12/1047-ofutebol-e-a-atualidade-do-racismo>. Acesso em: 19 maio 2019.

MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.

PEREIRA, E. de A.; WHITE, S. F. **Brasil**: Panorama de interações e conflitos numa sociedade multicultural. Rio de Janeiro, Afro-Ásia, 2001.

PIZARRO, J. O. Decolonialidade e futebol: a quebra da lógica periferia-centro. Trabajo presentado en el Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, “¿Qué ciencia política para qué democracia?”, Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 7-10 de octubre de 2014. **Docplayer**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6519065-Decolonialidade-e-futebol-a-quebra-da-logica-periferia-centro-1.html>. Acesso em: 14 maio 2018.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 93-126. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2019.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Edusp, 1993.

RUFINO, L. Exu e a pedagogia das encruzilhadas: sobre conhecimentos, educações e pós-colonialismo. In: Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação, 8, (jun. 2015). 12 p. Disponível em: [https://www.academia.edu/17491602/Exu\\_e\\_a\\_Pedagogia\\_das\\_Encruzilhadas\\_Sobre\\_conhecimentos\\_educa%C3%A7%C3%B5es\\_e\\_p%C3%B3s-colonialismo](https://www.academia.edu/17491602/Exu_e_a_Pedagogia_das_Encruzilhadas_Sobre_conhecimentos_educa%C3%A7%C3%B5es_e_p%C3%B3s-colonialismo). Acesso em: 01 de julho de 2020.

SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade**: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.



Edilson Medeiros de Oliveira; Otávio Nogueira Balzano  
João Alberto Steffen Munsberg; Gilberto Ferreira da Silva.

SPIVAK, G. S. “¿Puede el subalterno hablar?”, **Revista Colombiana de Antropología**, n. 39, n. especial de 2003, p. 257-364; también en español en *Orbis Tertium* (Argentina), año III, n. 6, 1998.

VAN DIJK, T; MEDEIROS, B. W. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. A. Análise crítica do discurso multidisciplinar: um apelo em favor da diversidade. **Linha d'Água**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 351-381, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/65164>. Acesso em: 14 abr. 2018.

VAN DIJK, T. A. (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2018.

VIEIRA, J. J. **Paixão nacional e mito social**: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social. Tese (Doutorado de Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.